



5ª feira Santa (24/03/05)

Antigo Testamento: Êxodo 12.1-14

De acordo com os evangelhos, na véspera da Páscoa judaica, Jesus reuniu seus discípulos para uma refeição durante a qual relacionou o pão e o vinho ao seu corpo e sangue. Embora aparentemente comum, aquela refeição se revestiu de novo significado, sobretudo porque ela recordava o Êxodo, a libertação, a saída do Egito. Paulo também afirma que a Ceia do Senhor está em continuidade com o êxodo. Por essa razão, o texto de Êxodo 12 é designado para uma das três leituras desse dia. O novo é justaposto ao antigo.

O trecho em apreço situa o início da Páscoa judaica no contexto saída do Egito. Não se trata, porém, de uma narrativa semelhante às da moderna historiografia. Toda narrativa do êxodo está impregnada pelos significados a ela atribuídos pela fé. É o caso também do capítulo 12, onde podem se identificar sentidos litúrgicos posteriormente atribuídos ao evento pelos revisores sacerdotais. Em todo caso, é a festa do começo de Israel (vs. 2), o começo dos meses do novo tempo.

A Páscoa judaica é uma festa que se constituiu a partir de duas festas semitas já previamente existentes – uma nômode e outra agro-pastoril. Os elementos principais dessas antigas festas (“um cordeiro” e “pães sem fermento”) estão presentes no texto de Êxodo. Embora pré-israelitas, essas festas também se revestiram de um novo sentido, o começo de Israel, o êxodo. Mui provavelmente tais festas remetem às tradições de diversas tribos e clãs que formaram o Israel primitivo. Trata-se, pois, de festas populares, de origem pagã, assimiladas e re-significadas pelo povo de Deus. Ao instituir a Ceia, Jesus faz algo semelhante: explora a inesgotável “reserva-de-sentido” de um evento e lhe amplia o significado. Agora a antiga Páscoa judaica torna-se modelo para a Páscoa cristã, a passagem da morte para a vida.

Vs. 3 e 4ss – Há aí algumas considerações sócio-econômicas importantes. O centro do ritual é uma refeição familiar. Porém, essa refeição deveria espelhar o propósito de vida plena do novo Israel: todos deveriam comer e, ao mesmo tempo não deveria haver desperdício. Desse modo, se a família fosse pequena para consumir o animal, a festa deveria ser comemorada com os vizinhos. Trata-se de um princípio comunitário: todos têm direito a se alimentar, e não deve haver desperdício. Assim, a Páscoa incentiva a aproximação e cooperação entre famílias e clãs.

Os versículos 5ss remetem às prescrições rituais sacerdotais da época em que o texto foi revisado. Os pães asmos e as ervas amargas dizem respeito às tradições agrícolas e à memória do sofrimento.

Vs. 11 – A refeição deveria ser feita “com as malas prontas”. Há um sentido de urgência e prontidão. Afinal, trata-se da Páscoa do Senhor. No contexto da narrativa



do Êxodo, fazer a refeição como quem está prestes a partir, é sinal de que Deus está agindo durante as penumbras daquela noite para proporcionar a libertação. Do mesmo modo, nos evangelhos, Jesus participa da refeição comum alertando a todos sobre os eventos que se sucederiam.

O texto de Êxodo no lecionário indica a continuidade do significado da libertação na Antiga Aliança e sua ampliação na nova Aliança. Por isso, "este dia vos será por memorial perpétuo" (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

Epístola: 1 Coríntios 11.23-25

No trecho selecionado para Quinta-feira Santa encontramos a tradição do texto eucarístico anterior ao apóstolo Paulo, pois ele diz: recebi... e transmiti". Ai encontramos os gestos de Jesus e suas palavras interpretativas: este é o meu corpo, este é o meu sangue, referindo-se ao pão e o cálice. O mesmo gesto ocorre na tradição dos evangelhos sinóticos. (Marcos, Lucas e Mateus.).

O trecho selecionado encontra-se, por sua vez, num contexto maior, em que o apóstolo discute problemas da vida da Igreja, da comunidade que se tornam visíveis na ceia comunitária e leva a Igreja a fazer discernimento. Em que consistia esse problema?

Nos vs. 17ss, conforme o apóstolo, quando os destinatários da carta se reuniam em Igreja (assembléia) - não na Igreja no sentido de edifício - o que se via e praticava era a divisão. Em que consistia essa divisão? A ceia comunitária tornou-se ocasião para manifestar as divisões. O que acontecia na ceia comunitariamente tinha implicações cristológicas: "Cristo está dividido?", perguntou ele no início da Carta. Formavam-se grupos. Os que se consideravam iguais formavam o seu grupo. Naturalmente, isso redundava em exclusão de outros. O contexto nos informa que os ricos desprezavam os pobres. Estes não podiam chegar em tempo e passavam fome. Em síntese, a prática mostrava que o que eles celebravam na reunião comunitária não era a Ceia do Senhor (11.20).

Tudo isso levou o apóstolo a chamar a atenção da Igreja para discernir o corpo. Não se tratava de discernir se Cristo estava realmente presente ou não no Pão e no vinho. Não se tratava de discernir a modalidade de sua presença. Essas questões surgiram muito mais tarde na história da Igreja cristã. A exortação apostólica consistia em discernir se a reunião (assembléia, Igreja) seria realmente a manifestação do Corpo de Cristo. Eram coisas muitas práticas que uma criança pode sentir e entender a seu próprio modo. É a presença real em todo o ato eucarístico. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: João 13.1-15 ou Lucas 22.14-30.



A Quinta-feira santa, tradicionalmente lembra a instituição da ceia e a cerimônia do lava-pés. O texto de Lucas enfatiza mais a instituição propriamente dita da ceia, com as palavras eucarísticas, enquanto o texto de João centraliza-se na cerimônia do lava-pés. Há, porém, em ambos, um denominador comum: tanto em Lucas como em João, aparecem menções específicas ao ensino de Jesus sobre a humildade, o serviço cristão e a auto-doação sacrificial, seja por palavras (LC 22.24-27) ou pelo gesto e ritual do lava-pés (Jo 13).

Sugerimos centralizar a celebração no texto de João por vários motivos: A liturgia é também repetição, comemoração e reatualização dos gestos de Cristo. Lutero, na época da reforma, já frisava que a liturgia não ode desprezar os aspectos visuais. É, portanto, oportunidade única para transformar a homilia num momento em que se diga o menos possível, sem perder a consistência. Isso acontecerá se o lava-pés for representado antes ou após uma breve meditação sobre o texto.

Pode-se destacar no texto joanino, o fato de Jesus estar consciente da proximidade de sua morte (vs. 1b) e de sua intenção de demonstrar na prática, o seu amor levado ao extremo da morte (1c). Jesus faz isso assumindo as funções próprias dos escravos e subalternos que lavavam os pés dos superiores ou dos viajantes e visitantes que eram acolhidos nas casas judaicas para a refeição familiar.

Observemos a acumulação de verbos nos versículos 4 e 5 ("levantou-se, deixou o manto, tomou um pano, amarrou-o à cintura... lançou água... lavou os pés, enxugou-os"). Tamanho detalhismo por parte do redator dá a impressão de que sua intenção era deixar a cena vivamente registrada e gravada na memória dos discípulos e eventuais leitores. nos seus mínimos detalhes e pormenores.

O texto não indica quem foram os primeiros a terem seus pés lavados, pois entre os discípulos não há ordem de precedência. Além disso, o evangelho de João vem apresentando desde o início a Cristo como "Revelador do Pai". Aquele gesto, portanto, revelava o mistério do Deus que é, ao mesmo tempo, soberano e humilde.

O/A pregador/a porém, deve tomar cuidado para não enfatizar muito o fato de que Jesus teria "se rebaixado". Essa mentalidade é própria de quem não está acostumado a servir e se inquieta ao ver Cristo fazendo esse gesto. Não se trata de "rebaixamento", mas sim do gesto natural de alguém que não reconhece as desigualdades e hierarquias entre as pessoas. Na comunidade de Cristo, não pode haver aqueles que servem e aqueles que são servidos. Ao contrário, todos (bispos, clérigos/as e "leigos/as") devem ser servos uns dos outros e esse exemplo deve partir justamente de quem está exercendo (não por privilégio, merecimento ou mérito) alguma posição de destaque e liderança.

A comunidade pode organizar uma cerimônia simples de lava-pés na Quinta-feira. Escolham pessoas que representem os diversos segmentos da Paróquia para terem seus pés lavados: crianças, idosos, jovens, pessoas de níveis sociais diferentes, etc. Será ótimo se o/a pároco conseguir envolver os demais membros da Junta Paroquial no papel daqueles que lavarão os pés dos irmãos e irmãs. Providencie uma



bacia e uma toalha para cada pessoa que lavará os pés dos outros. O próprio pároco deve dar o exemplo participando da lavagem.

Mas não pare aí. Aproveite a continuidade do texto, que fala do constrangimento de Pedro (v.6) para dialogar com a comunidade sobre o gesto de serviço. Geralmente há pessoas na comunidade que se constrangem com o lavapés, mesmo se elas forem escolhidas para terem os pés lavados. É uma boa oportunidade para falar também da estranheza sentida por Pedro. Ela reflete nossa própria estranheza por fazermos parte de um mundo que não está acostumado a gestos naturais de serviço, num mundo onde tudo é pago e onde temos sempre que pedir "por favor" ou implorar para que nos atendam. Na sociedade em geral, se diz que tudo é feito com a intenção de levar alguma vantagem. Já não prevalece entre nós a lógica do serviço descomprometido, que encontra prazer no próprio ato de servir e não exige recompensas ou retribuições.

Enfatize também que a resposta de Jesus não é explicativa (v. 7). Jesus não faz qualquer explanação teórica nem dá um sermão sobre a uma "doutrina da humildade", mas simplesmente diz que um dia os discípulos compreenderiam a grandeza daquele gesto. Diante desse fato, mostre que o que importa é fazermos da repetição daquele gesto um símbolo da vida cristã genuína e nos abirmos a Deus para que Ele nos faça compreender no decorrer de nossa prática, o significado do serviço. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).